

Marcelle Jacinto da Silva e Antonio Crístian Saraiva Paiva

Pensando corpo, gênero e sexualidade em contexto sado-fetichista

Aviso

O conteúdo deste website está sujeito à legislação francesa sobre a propriedade intelectual e é propriedade exclusiva do editor.

Os trabalhos disponibilizados neste website podem ser consultados e reproduzidos em papel ou suporte digital desde que a sua utilização seja estritamente pessoal ou para fins científicos ou pedagógicos, excluindo-se qualquer exploração comercial. A reprodução deverá mencionar obrigatoriamente o editor, o nome da revista, o autor e a referência do documento.

Qualquer outra forma de reprodução é interdita salvo se autorizada previamente pelo editor, excepto nos casos previstos pela legislação em vigor em França.

revues.org

Revues.org é um portal de revistas das ciências sociais e humanas desenvolvido pelo CLÉO, Centro para a edição eletrónica aberta (CNRS, EHESS, UP, UAPV - França)

Referência eletrônica

Marcelle Jacinto da Silva e Antonio Crístian Saraiva Paiva, « Pensando corpo, gênero e sexualidade em contexto sado-fetichista », *Ponto Urbe* [Online], 15 | 2014, posto online no dia 30 Dezembro 2014, consultado o 27 Agosto 2016. URL : <http://pontourbe.revues.org/2395> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2395

Editor: Núcleo de Antropologia Urbana

<http://pontourbe.revues.org>

<http://www.revues.org>

Documento acessível online em:

<http://pontourbe.revues.org/2395>

Documento gerado automaticamente no dia 27 Agosto 2016.

© NAU

Marcelle Jacinto da Silva e Antonio Crístian Saraiva Paiva

Pensando corpo, gênero e sexualidade em contexto sado-fetichista

Introdução

- 1 Este artigo tem como fio condutor parte do meu material etnográfico proveniente de dissertação em andamento, cujo objetivo é compreender o universo de práticas sócio-sexuais sado-fetichistas ou *BDSM* (sigla que se refere a um conjunto de práticas eróticas que envolvem jogos de poder, dominação e submissão, sadismo e masoquismo eróticos) especificamente roteiros sexuais em que predominam práticas de *feminização masculina*, por meio de narrativas autobiográficas reais ou ficcionais acessadas em blogs pessoais e entrevistas via e-mail, Facebook e presencialmente, nos últimos cinco anos, no Brasil. O recorte que trazemos para este artigo busca problematizar e discutir sobre corpo, gênero e sexualidade no contexto dessas experiências, pensando em algumas possibilidades de relação dessas categorias com o processo de *feminização* e a dinâmica dessas experiências de vestir-se de outro gênero no contexto das práticas sado-fetichistas.
- 2 O material coletado provém de trabalho de campo em espaços online (blogs, sites e Facebook) sobre a temática, realizado no período de abril de 2013 a agosto de 2014. Foi feita observação e frequência em blogs, participação em comunidades e páginas do Facebook, bem como manteve contato com praticantes de *BDSM* e da prática de *feminização* através de meu perfil e e-mails que as pessoas disponibilizavam em seus blogs e/ou páginas pessoais. Foram entrevistados seis praticantes de *feminização*, sendo uma entrevista presencial e por e-mail, uma entrevista por e-mail e quatro apenas pelo Facebook, e coletado material de um blog pessoal de um praticante cujo acesso não foi possível devido a não disponibilidade de e-mail para contato. As falas, principalmente das entrevistas, giram em torno da vida pessoal e a necessidade de um cuidado com o corpo como gestão do segredo e do anonimato, pelo fato de muitos serem adeptos dessas práticas sem o consentimento/conhecimento de sua família, especialmente suas parceiras.
- 3 Com o intuito de problematizar o objeto, as práticas de *feminização masculina* no *BDSM*, trazemos alguns trechos de entrevistas realizadas por e-mail com interlocutora que chamarei de Prissy, que se identifica como submissa lésbica e transexual, a fim de situar o objeto e a mobilização de convenções de gênero e sexualidade no contexto sado-fetichista em questão pensando a dimensão fabricável do corpo e a relação do sujeito com seu corpo, em sua experiência particular. Prissy, interlocutora da pesquisa, possui um blog onde relata suas experiências como *sissy maid* (do inglês, *maid* significa empregada doméstica e *sissy* efeminado). Conheci o blog de Prissy antes de conhecê-la através do Facebook. Tive, portanto, acesso primeiramente ao material de seu blog e posteriormente entrei em contato através do Facebook, solicitando sua participação em minha pesquisa de mestrado e - caso aceitasse - que conversássemos por e-mail. As experiências narradas por Prissy se assemelham em muitos pontos com as dos outros praticantes de *feminização* entrevistados ou com as narrativas autobiográficas disponíveis nos blogs; no entanto, a *feminização* toma um lugar diferente na sua vida, como um *estilo de vida*. Conversamos por e-mail entre dezembro de 2013 e maio de 2014 e, eventualmente, através do Facebook até agosto de 2014. Os trechos que compõem este artigo são provenientes de entrevistas realizadas em dezembro de 2013, abril e agosto de 2014.

Enredos, cenários e jogos de in/conversão e feminização (forçada ou voluntária) do masculino

- 4 A apropriação com sentido erótico da categoria *sadomasoquismo* e/ou a adesão ao acrônimo *BDSM* estão presentes no Brasil desde pelo menos o início da década de 1990. É preciso ressaltar que há um “trânsito de categorias e classificações entre diferentes atores sociais” (FACCHINI e MACHADO, 2013, p. 198), termos e nomenclaturas nativas que possuem carga erótica: dominação, submissão, disciplina, *feminização* adquirem teor erótico

nessas relações especificamente, as práticas englobadas pelo acrônimo BDSM. Num primeiro momento, essa presença no Brasil pode ser notada por meio da produção de literatura erótica, pela comunicação de praticantes em revistas e classificados eróticos. De acordo com Facchini e Machado (2013) o marco da difusão do sadomasoquismo erótico no Brasil está ligado às figuras de Wilma Azevedo e Glauco Mattoso, autores de livros em formato autobiográfico, de relatos reais e/ou ficcionais (no caso de Wilma Azevedo, há uma mescla de ambos) a partir da década de 1980.

- 5 Desde esse início no contexto brasileiro, notam-se esforços voltados a dar atenção a noções como a de consensualidade, classificando assim as práticas sadomasoquistas no plano erótico, inserindo-as no circuito de relacionamentos possíveis. Além disso, e nesse sentido, lançando atenção para uma (des)identificação com categorias patologizantes, como “anormais” e “perversos”, frutos de categorização dos discursos médico-científicos, notadamente das ciências *psi*, psiquiatria, psicologia, psicanálise, e sexologia. Com o desenvolvimento da internet e de ferramentas de interação mediadas por computadores, têm se multiplicado sites, blogs, salas de bate papo, listas de discussão, comunidades em redes sociais e espaços de interação presencial, como grupos, festas ou clubes, revelando os contornos do que os adeptos chamam de *meio*, *comunidade* ou, eventualmente, de *movimento* (FACCHINI e MACHADO, 2013, p. 198-199).
- 6 No início dos anos 2000 já havia muitas páginas online voltadas para BDSM, com divulgação de material diverso (locais de encontro, manuais) indicadores do que é ou não *seguro* fazer, discussão sobre a *filosofia* que acompanha as práticas, relatos eróticos e fotos. Mas a interação online não se esgota em si mesma, dando margem à interação off-line entre praticantes e também à formação de grupos (FACCHINI e MACHADO, 2013, p. 204-205).
- 7 As práticas BDSM são “práticas eróticas estigmatizadas e vividas em segredo” que passam por um movimento de “legitimidade ainda em construção” com base na necessidade de “gerir coletivamente os *riscos* num contexto marcado pela condição de *segredo* por meio do qual o BDSM se insere na vida de seus praticantes” (FACCHINI e MACHADO, 2013, p. 213-220). É interessante chamar atenção para o fato de que também pela proliferação de material disponibilizado em sites e blogs é através de relatos em formato autobiográfico que se dá parte dessa tentativa de desvincular o estigma e legitimar as práticas como sadias, seguras e consensuais. “É através da possibilidade que os praticantes de BDSM têm de manter contato na Internet que se veicula o discurso de legitimação, descriminalização e despatologização das práticas sexuais associadas ao BDSM” (ZILLI, 2009b, p. 4). Outros estudos brasileiros ressaltam essa importante interlocução entre as dimensões online e off-line acionadas pelos praticantes, como Leite Júnior (2000), Brittes (2006), Silva (2012) e Freitas (2012).

A articulação entre momentos online e off-line de sociabilidade (Parreiras, 2008) no *meio* continua sendo muito importante, de modo que ambas as modalidades se alimentam e se influenciam mutuamente. Com relação a essa articulação, um ponto relevante diz respeito à popularização da internet e ao que se pode observar em espaços de interação presencial de adeptos nos últimos anos: não se trata apenas da popularização (no sentido de não serem mais espaços frequentados majoritariamente por pessoas de estratos altos e médios como no início da década de 2000), mas também do crescimento do número de pessoas que frequenta espaços presenciais de encontro ou comunidades online (FACCHINI e MACHADO, 2013, p. 205).

- 8 Houve, portanto, ampliação de espaços de debate sobre as práticas BDSM, a criação de fóruns e listas de discussão, sites e blogs, servindo como forma de socialização sem fronteiras das experiências, de redes de contatos e discussão sobre regras e convenções do *sadomasoquismo erótico*.

Por ser um meio que se caracteriza pela facilidade de comunicação, pela promessa de anonimato e pela oportunidade de contatar indivíduos que partilham interesses em comum, a Internet tornou-se ideal para a formação de grupos identitários que criam diversos tipos de comunidades virtuais. Além disso, os discursos sobre o BDSM encontram-se num contexto de suporte à própria ideia de um grupo identitário, pois reproduzem a noção de pertencimento através da informação de técnicas, conceitos e definições (ZILLI, 2009a, p. 483-484).

- 9 As práticas BDSM são baseadas em um conjunto de argumentos, jogos, cenas e personagens (ZILLI, 2008). Para citar algumas regras fundamentais na elaboração do discurso sobre o

caráter erótico e consensual das práticas BDSM, há o lema *SSC* (são, seguro e consensual) que é a base do BDSM, para desvincular qualquer imaginário negativo relacionado ao termo “sadomasoquismo”, bem como para impulsionar uma conscientização coletiva de que as práticas devem ser realizadas de forma sadia, principalmente em relações individuais¹. Essa questão está diretamente relacionada à patologização dos termos sadismo e masoquismo pelas ciências *psi*, remetendo à intenção de formação de um “campo de ética” (LEITE JR., 2000, p. 23) no meio BDSM. Outro ponto importante na caracterização como prática *sadia* e responsável do BDSM é a *safeword*.

10 O lema SSC significa praticar o sadomasoquismo em plena sanidade mental, o que geralmente inclui abstenção de bebidas alcoólicas e qualquer outro tipo de droga, um estímulo à segurança de ambas as partes, desde que seja assegurada a *consensualidade* dos participantes, e a *safeword* ou palavra de segurança, é mobilizada como dispositivo que pode ser acionado por ambos os praticantes, no momento mesmo da prática, para avisar quando esta deve ser interrompida, se um dos praticantes chega ao limite físico ou psíquico. A *safeword* “realça o aspecto tido como essencial de qualquer relação BDSM, que é a comunicação. A comunicação permite a negociação, que por sua vez, abre portas para o consentimento – sem o qual não há BDSM” (ZILLI, 2009a, p. 491).

11 O consenso que caracteriza o BDSM como prática consensual parte de “um ideal de consentimento, entendido como um exercício de vontade entre os parceiros em fazer parte dessas relações” (ZILLI, 2008, p. 2) e é nesse sentido que Gregori (2005) o classifica como “um jogo erótico de poder e confiança”. O consentimento é central nesses jogos eróticos de poder, e seu significado e aplicação podem também ser negociados. Gregori (2005) afirma que “tudo parece estar sendo cuidadosamente montado para encenar uma situação que simula a violência, mas que, simultaneamente, a afasta ou neutraliza”, e afirma ainda que é um processo no qual há “neutralização, domesticação ou ressignificação dos traços e conteúdos violentos envolvidos” nas práticas (GREGORI, 2008), as quais são como se fossem paródias, no sentido de que são ambíguas e “performs social power as both contingent and constitutive” (MCCLINTOCK, s/d, p. 91).

12 Os blogs, sites e páginas do Facebook (grupos, páginas, perfis), apenas uma parte do material suporte online de informações sobre o tema, são palco para *subidentidades no BDSM*, personagens que se insurgem/voltam contra “a definição estritamente psiquiátrica/ patológica da sua sexualidade através de uma política de afirmação identitária, expressa por um discurso de legitimação de objetivos bem definidos” (ZILLI, 2009a, p. 483-490). Através de material disponível nessas páginas online tentamos apreender um pouco do universo do BDSM, onde as pessoas identificam-se como praticantes de BDSM, ou como praticantes de *feminização masculina*, relatam experiências vivenciadas segundo as convenções desses grupos, apropriando-se e jogando com estratégias e convenções sociais. A seguir, quatro pontos importantes para situar o contexto do qual partem as narrativas, como forma de ilustrar os cenários acionados: o *FemDom*, a *inversão de papéis*, a *feminização forçada* e a *sissy maid*.

13 O primeiro deles, o *Femdom*, ou ainda *Female Domination* ou Fêmea Dominante, é o universo de práticas de *dominação feminina*, o qual designa tendências de dominação da dominadora sobre outra pessoa, que pode ser um homem ou mulher. Na Internet existem sites que situam e identificam as práticas que constituem esse universo. Há diferenciação de papéis nas cenas e enredos, no sentido de que são adotados títulos relacionados às tendências e personalidades *dominadoras e/ou sádicas* das praticantes, afim de que se diferenciem das *submissas e/ou masoquistas*. “A divisão de papéis e o uso de ‘fantasias’ se ligam à ideia da atividade BDSM como uma ‘cena’ interpretada por ‘atores’, onde o objetivo ideal é causar prazer através da aplicação intensa de gatilhos sensoriais que causarão/elevarão a excitação sexual dos participantes” (ZILLI, 2009b, p. 5). Títulos como *Dominadora/Domme*, *Mistress*, *Sádica*, *Rainha*, são nomenclaturas que remetem e identificam as preferências e as práticas associadas, geralmente ligadas às *relações D/s (Dominação/submissão)*, *jogos de controle*, físicos e/ou emocionais; práticas que envolvem o *sadismo*, que causam dor, *sofrimentos* físico e psicológico no *dominado*².

Estes diversos personagens de fato formam subidentidades na cultura BDSM. Assim, as pessoas identificam-se com certo “alinhamento” de sua preferência – e poderão buscar textos, discussões e material erótico mais específico sobre seus gostos. [No entanto,] Às vezes as fronteiras entre identificação com um personagem e outro é difusa (ZILLI, 2009a, p. 490).

- 14 No *Femdom*, geralmente não acontece o sexo com penetração, ou seja, o homem *submisso* não usa seu órgão genital para penetrar a *dominadora*. O *submisso* é alguém, tratado como um *ser inferior* às mulheres, às quais devem prestar reverências, ser disciplinado e entregar-se às vontades da *figura feminina dominante*³: há uma passagem do corpo sujeito ao corpo objeto⁴. Isso acontece quando a pessoa, no caso, o homem *submisso*, sente prazer com situações *humilhantes*, deseja ser *inferiorizado*, através de xingamentos e *práticas de degradação*, como “*chuvas dourada, prateada e marrom*”, *práticas de feminização*, principalmente *feminização forçada*, a *objetificação* (uso do sujeito como uma cadeira ou móvel de decoração) e ainda jogos nos quais o *submisso* é tratado como um cachorro e/ou cavalo (chamados de *petplay*); também faz parte da *humilhação erótica* a possibilidade de vivenciá-la de forma privada ou exibição pública, online e off-line. O *submisso* pode ser *masoquista*, ou não. *Masoquista* é aquele que encontra prazer na dor, física e/ou psicológica, em jogos que variam de nível, pesado ou leve. A relação que pode se estabelecer na junção de um *submisso* e uma *dominadora* é geralmente chamada de *D/s*, necessariamente quando há o desejo de *jogos de controle* do outro, quando o *submisso* deseja ter seus movimentos e comportamento controlados.
- 15 De acordo com o material etnográfico, alguns homens fantasiavam serem *possuídos* sexualmente por uma mulher, através da *inversão* e/ou *crossdresser*, outros desejam ver-se ou imaginar-se forçados a serem travestidos de mulher, submetidos e humilhados, encontrando na *feminização forçada* a fantasia ideal para satisfazer seu desejo. Nesse sentido, a *inversão de papéis* e a *feminização* são tipos de *humilhação* nas quais a *dominadora* ocupa o papel convencionalmente/supostamente designado ao homem, enquanto este ocupa o lugar reservado convencionalmente à mulher, lugar da passividade e submissão. A efeminação aparece aqui como uma forma de regressão, já que o corpo do homem é a referência do corpo perfeito e rijo (LAQUEUR, 2001, p. 19), portanto, é encenada uma situação de degradação física, psíquica e moral.
- 16 A *feminização*, prática que tem várias facetas e contextos, envolve fantasias de submissão e dominação física e/ou psicológica, acentuando mais a dominação psicológica. O processo de *feminização* é um processo, sem medo de ser redundante: aos poucos, alguns elementos são adicionados à performance, ao corpo, e vão constituindo a personagem feminina no corpo masculino transformado. Um tipo de *feminização* exclusiva do BDSM é a *feminização forçada*, cujo objetivo é *domesticar* a masculinidade do homem, discipliná-lo. “A domesticidade denota tanto um espaço quanto uma relação social de poder” (McClintock, 2010, p. 63-64). A *feminização* pode ser definida como “manifestação mínima, a obrigação que a *Dominadora* impõe a seu *submisso* de se vestir como mulher, completamente ou apenas algumas peças íntimas femininas”⁵. O termo “*feminização forçada*” por si é carregado de significados relacionados a degradação, humilhação, imposição e inferiorização, situações que são claramente humilhantes para o *submisso* e, teoricamente contra sua vontade. “Nesse caso, ao fazê-lo tornar-se mulher, a *Dominadora* o despersonaliza, o obriga a desmontar toda a construção cultural de gênero, ao modo como ele culturalmente aprendeu a se ver com o homem e obrigá-lo a, apesar do pênis, ser uma mulher”⁶. A *Dominadora*, então, “manipula as próprias representações culturais dos gêneros para se impor ao próprio sexo orgânico que o corpo do *submisso* apresenta. Por esse motivo, há quem veja a *feminização* como o termo final de todo o processo de submissão”⁷.
- 17 Por fim, a *sissy maid* ou “*empregada doméstica Sissy*”, é um tipo de “submissão masculina que está associada à servidão pessoal. Essa fantasia se tornou um dos símbolos representativos da servidão masculina no BDSM”⁸. Mas não é apenas um *traje*, e não apenas um fetiche pois em algumas situações, pode se tornar um *estilo de vida*. “Uma *empregada sissy* pode ter o pênis trancado em um dispositivo de castidade para impedir a liberação sexual, tendo de suportar uma vida de abstinência sexual”⁹. Essa fantasia mobiliza um processo de *feminização forçada* e/ou *voluntária*, que é um treinamento – o jogo de *sissificação* ou *sissification* –

compreendendo uma série de rituais, os quais possuem elementos de *servidão doméstica e pessoal, disciplina, idolatria*, e, em alguns casos, é resultado (ou condicionante) de uma relação 24/7, o que significa dizer que há a servidão integral do *submisso/escravo sissy*, 24 horas por dia, 7 dias por semana, havendo portanto, uma entrega total à dominadora¹⁰.

A sissy está ligada ao BDSM, aqui no Brasil é muito tratado como feminização forçada, que é basicamente o nome da prática aqui, agora que o termo sissy está tomando força e lugar. Sabemos que apesar de muito desenvolvimento o BDSM ainda esta engatinhando aqui no Brasil. As pessoas que realmente tem uma vida ligada ao BDSM de forma real e não como uma prática fetichista passageira ainda vivem em guetos, se escondem. Falo isto olhando para mulheres e homens, mulheres que são Domes ou submissas ou homens que são Dons ou submissos. Agora vem uma sissy. Um homem, geralmente hétero que tem uma alma feminina e que se submete a uma mulher ou a quem ela quiser se degradando e se humilhando de uma forma inimaginável (Prissy em entrevista via e-mail, em abril de 2014).

- 18 Prissy, uma interlocutora da pesquisa, é uma sissy maid. Para ela, BDSM e feminização “nasceram juntos”, desde “a mais tenra infância” ela veste-se “femininamente e fantasiava ser uma empregada, uma serviçal. Passei uma infância sonhando em ser raptada e forçada a tudo”. Juntamente do desejo de feminizar-se e ser subjugada, Prissy viu-se estranhando o próprio corpo e seu desejo: ela atualmente identifica-se como “uma transexual, sou mulher, me vejo como mulher, detesto meu pênis, nunca tive prazer em me relacionar eu no papel masculino. Fui criada em um mundo masculino me vendo e me sentindo mulher”. Cresceu pressionada a agir como homem e por isso, afirma ter de casar com uma mulher. Apesar disso, “não gosto de homem, o que seria natural, gosto de mulheres e ainda sou extremamente submissa”.

Sou passiva se ela [minha Dona] desejar, mas não toco no que tenho entre as pernas. Uso um cinto de castidade na alma. A minha entrega é o meu cinto de castidade... Não me toco mais. Masculinamente falando para me aliviar ela me ordenha, massageando a próstata, ou às vezes me faz bater uma punheta rápida aos pés dela e lamber meu gozo... A falta de prazer como o mundo enxerga é a minha sina. Meu prazer é servir (Prissy em entrevista via e-mail em abril de 2014).

- 19 Alguns pontos na experiência de Prissy diferem um pouco do ideal BDSM mencionado neste artigo: primeiro, o desejo de feminizar-se para ela é natural, portanto algo voluntário, já que desde criança identifica-se com o gênero feminino; segundo, Prissy relatou em entrevista que no Brasil, há pouco material sobre sissy maid, definindo seu blog como um dos poucos que contém material “real” sobre o tema; terceiro que feminização e BDSM são estilos de vida e não apenas fetiche erótico, o que também não significa que não haja sofrimento físico e/ou psíquico; por último, o consenso aparece relativizado de uma forma particular em sua relação D/s, 24/7. Por ser “uma escrava real”, considera que como escrava não pode querer nada, portanto, para ela não existe a *safeword*, por exemplo, já que sua vontade é a vontade de sua Dona.

Sou a perfeita sissy. Um homem, geneticamente falando, mas que na verdade é uma mulher, que gosta de mulheres e é submissa por isto mesmo se entrega a uma, torna-se escrava no real sentido da palavra de uma mulher. Sim ultrapassa a fronteira do BDSM do são seguro e consensual. Uma sissy real como eu quer se entregar apenas. Uma sissy torna-se literalmente propriedade de uma mulher, torna-se seu brinquedo e ela faz o que bem entender com a sua sissy (Prissy, em entrevista via e-mail, em maio de 2014).

- 20 A experiência de Prissy se define como um “estilo de vida não-convencional” (RUBIN, s/d, p. 25), ocupa o lugar no qual sadomasoquismo, fetichismo e transexualidade são vistos como incapazes de manter relação com afeição, amor, gentileza (RUBIN, s/d, p. 16). No entanto, ela enfatiza a presença de amor, entrega e confiança em uma relação que, de acordo com a escala de hierarquia sexualmente legítima ressaltada por Gayle Rubin, estaria do lado dos prazeres ilegítimos, maus, anormais. “Todos esses modelos assumem uma teoria dominó de perigo/risco sexual. A linha parece se posicionar entre a ordem e o caos sexuais” (RUBIN, s/d, p. 16). “Muitos dos discursos sobre o sexo sejam eles religiosos, psiquiátricos, populares ou políticos, delimitam uma porção muito pequenina da capacidade humana sexual como consagrada, segura, saudável, madura, legal ou politicamente correta” (RUBIN, s/d, p. 15-16). Certamente, o cuidado com o corpo, com a apresentação de si na Internet, ocultação de seu *estilo de vida*

diante da família, até mesmo da identidade de gênero diante dos filhos, é resultado da opressão sexual operada por modelos de normalidade e sexualidade socialmente aceita.

Pensando corpo, gênero e sexualidade em contexto sado-fetichista

- 21 No contexto da pesquisa de Arent (2009) no clube de strip-tease para mulheres, as performances masculinas também seguem repertórios que reforçam convenções de gênero e “encenações de práticas (hetero)sexuais”. No entanto, os corpos dos “sedutores” “procuram veicular um repertório de masculinidade expresso na linguagem corporal baseada na atividade. A representação do papel ativo nas práticas sexuais encenadas no palco favorece a caracterização da virilidade, sempre fortemente realçada” (ARENT, 2009, p. 150), chamando atenção para a ambiguidade e contradição das práticas sadomasoquistas por nós estudadas. Esses estereótipos reiteram a noção do “o homem como ativo, o que penetra no coito anal, ou a mulher passiva, a que se deixa esfregar”, que nesse sentido, “não ameaçam a ordem social” (LAQUEUR, 2001, p. 67), como eventualmente o BDSM. Nesse contexto, como no da minha pesquisa, “a dicotomia ativo/masculino e passivo/feminino vigora hegemônica” (ARENT, 2009, p. 154), mas ao contrário, o eixo sádico e ativo parte do corpo feminino e a passividade e submissão do homem.
- 22 No mesmo caminho, sobre a performance *drag*, Butler (2013) afirma que “brinca com a distinção entre a anatomia do performista e o gênero que está sendo performado”, assim como na *feminização forçada*. “Mas estamos, na verdade, na presença de três dimensões contingentes da corporeidade significativa: sexo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero”. Prissy, que não se identifica como *drag*, porém em alguns momentos se identifica como trans e travesti, é um caso dentre muitos casos particulares, que mexe ainda mais com as dimensões ressaltadas por Butler. Imitando o gênero, a *drag*, “revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero – assim como sua contingência” (BUTLER, 2013 p. 196). Há uma paródia do gênero, no sentido de que “a noção de paródia de gênero aqui defendida não presume a existência de um original que essas identidades parodísticas imitem. Aliás, a paródia que se faz é da própria ideia de um original” (BUTLER, 2013, p. 197). Rubin (1993, p. 12), por sua vez, fala do travestismo permitido em Mohave, no qual “uma pessoa não podia ser um pouco de ambos os gêneros – ele(a) poderia ser masculino(a) ou feminino(a), mas não um pouco de cada”. Em sua fala, Prissy aciona elementos dos dois gêneros, o que dá margem para mais ambiguidades.
- 23 A partir daí, podemos visualizar formas diferentes de captura de corporeidades, reforçando a relação entre vivência do corpo, subjetividade, sexualidade e gênero, categorias que atravessam a mobilidade corpórea, seja ela online e/ou off-line: essas duas dimensões da realidade enredam vários níveis e potencialidades de corpo. Foucault (2004, p. 260-264) chama atenção para o fato de que a sexualidade é um dos domínios da criatividade humana, pela inegável “possibilidade de utilizar nossos corpos como uma fonte possível de uma multiplicidade de prazeres”. O corpo e a sexualidade também são terrenos de resistência por serem perpassados por relações de poder. “A resistência vem em primeiro lugar, e ela permanece superior a todas as forças do processo, seu efeito obriga a mudarem as relações de poder” (FOUCAULT, 2004, p. 268).

Pode-se dizer que o S/M é a erotização do poder, a erotização das relações estratégicas. O que me choca no S/M é a maneira como difere do poder social. O poder se caracteriza pelo fato de que ele constitui uma relação estratégica que se estabeleceu nas instituições. No seio das relações de poder, a mobilidade é o que limita, e certas fortalezas são muito difíceis de derrubar por terem sido institucionalizadas, porque sua influência é sensível no curso da justiça, nos códigos. Isso significa que as relações estratégicas entre os indivíduos se caracterizam pela rigidez. Dessa maneira, o jogo do S/M é muito interessante porque, enquanto relação estratégica, é sempre fluida. Há papéis, é claro, mas qualquer um sabe bem que esses papéis podem ser invertidos. Às vezes, quando o jogo começa, um é o mestre e, no fim, este que é escravo pode tornar-se mestre. Ou mesmo quando os papéis são estáveis, os protagonistas sabem muito bem que isso se trata de um jogo: ou as regras são transgredidas ou há um acordo, explícito ou tácito, que definem certas fronteiras. Este jogo é muito interessante enquanto fonte de prazer físico. Mas eu não diria que ele reproduz, no interior de uma relação erótica, a estrutura de uma relação de poder. É uma encenação de estruturas do

poder em um jogo estratégico, capaz de procurar um prazer sexual ou físico (FOUCAULT, 2004, p. 270-271).

24 Dentro do quadro que apresentamos, a encenação das relações de poder coloca homens e mulheres em lugares sociais específicos, só que invertidos, lançando atenção para a questão da diferença sexual, “tipos de relações de sexualidade estabelecidos no opaco passado humano, ainda dominam nossas vidas sexuais, nossas ideias sobre homens e mulheres” (RUBIN, 1993, p. 20). De acordo com Thomas Laqueur (2001, p. 89), “No século XVI havia ainda, como houve na antiguidade, apenas um corpo canônico e esse corpo era macho”. Houve um tempo em que “Em vez de serem divididos por suas anatomias reprodutivas, os sexos eram ligados por um sexo comum”, e a mulher era entendida como um homem invertido, menos perfeito (LAQUEUR, 2001, p. 42).

25 Os estudos de McClintock (2010) e Lynda Hart (2003) “analisam variadas expressões do S/M como escolhas e práticas sexuais que só podem ser inteligíveis como encenações que, na verdade, colocam em suas cenas, nos cenários e em seus personagens aspectos que fazem parte das contradições que emergem no interior das dinâmicas do poder social”. Assim, as autoras sugerem que “consideremos o seu lado contestatório” no sentido de que as práticas sadomasoquistas “problematizam os modelos que supõem como naturais, inatas ou normais, as fronteiras que demarcam as diferenças entre homens e mulheres, em particular, entre comportamento sexual masculino (ativo) e feminino (passivo), bem como fronteiras que separam o prazer da dor, o comando e a submissão” (GREGORI, 2008, p. 9-10), também, como ressalta Butler, corpo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero.

26 Sob a perspectiva de Gregori (2008, p. 2), a relação entre erotismo e gênero constitui uma relação de “prazer e perigo”, ou ainda, como a autora chama, de “limites da sexualidade”. O perigo se refere a “aspectos como o estupro, abuso e espancamento como fenômenos relacionados ao exercício da sexualidade”. O prazer, pela “promessa na busca de novas alternativas eróticas em transgredir as restrições impostas à sexualidade tomada apenas como exercício de reprodução”. Quando Gregori fala nos “limites da sexualidade” se refere aos movimentos de ampliação e restrição de normatividades sexuais, da domesticação do que em outros tempos poderia ser considerado anormal ou abusivo.

Os limites da sexualidade, portanto, são inteligíveis apenas se concebidos em contextos precisos e, no que concerne às práticas ocidentais e suas normatividades, é preciso considerar o peso desempenhado pela heterossexualidade, tomada como modelo compulsório (GREGORI, 2008, p. 3).

27 Nessa linha, McClintock afirma que o S/M é uma economia da conversão, convertendo, por exemplo, homem em mulher, adulto em criança e vice-versa (MCCLINTOCK, s/d, p. 87), a qual “performs social power as scripted, and hence as permanently subject to change. As a theater of conversion” (MCCLINTOCK, s/d p. 89), “organized primarily around the symbolic exercise of social risk... Since S/M is the theatrical exercise of social contradiction...” (MCCLINTOCK, s/d p. 90). Para Foucault (2004, p.263-264) é um campo de “invenção de novas possibilidades de prazer utilizando certas partes estranhas do corpo – erotizando o corpo”. Assim, as práticas S/M ressaltam que “nós podemos produzir prazer a partir dos objetos mais estranhos, utilizando certas partes estranhas do corpo, nas situações mais inabituais etc.”. É, também, “a primeira vez que as pessoas utilizam as relações estratégicas como fonte de prazer” (FOUCAULT, 2004, p. 271). No contexto sadomasoquismo, por exemplo, não é “anormal” que um homem seja passivo e submisso. “Indeed, male passivity is by far the most common phenomenon” (MCCLINTOCK, s/d p. 93).

28 Aqui cabe a importância do conceito de gênero, como “estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2013, p. 59). Nesse contexto, vale atentar para o que Rubin designa “sistema sexo/gênero”: “um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e na qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (RUBIN, 1993, p. 2).

- 29 Nos enredos e cenas BDSM, assim, a dominadora assume a posição atribuída ao macho, atuando como penetradora, utilizando acessórios, como uma cinta atada ao corpo com um pênis artificial acoplado, comumente chamado de *strap-on*. Assim sendo, a única relação sexual disponível para o submisso é o sexo anal. Alguns desses jogos eróticos envolvem o controle do gozo masculino através do uso do cinto de castidade, um dispositivo que pode ser em acrílico, couro, por exemplo, e uso de *dildos*, *plugs anais*, *fist fucking* e pênis de material sintético¹¹. Sendo assim, fala-se que a inversão pode ser exercida como uma forma de dominação psicológica, e também um dos passos no processo de feminização e/ou humilhação eróticas por ser uma troca que tem como objetivo a humilhação, mas também “a quebra da resistência psicológica do escravo, visto que o homem foi ensinado durante toda a sua formação que a ele cabe o papel de dominador, simplesmente por possuir entre as pernas aquilo que é o símbolo do poder: o pênis”¹².
- 30 É importante dizer que, de acordo com narrativas que fazem parte do material etnográfico, nem todo submisso é masoquista, mas necessariamente, no contexto do BDSM, todo feminizado é submisso, e a maioria passa pela *despersonalização*, também usada como forma de humilhação. “No caso da despersonalização e, em particular, da feminização *forçada*, cabe à Dominadora o processo de desmontagem”¹³, e também da montagem¹⁴. “O corpo se estuda em compensação pelos privilégios, nomeia-se precisamente diante do espelho” (VIGARELLO, 2006, p. 135).
- 31 Alguns submissos que se travestem relatam a sensação de “caráter liberador” da *ridicularização e humilhação*, ressaltando o lado do sadomasoquismo como espaço de “experimentação”, além de ser transgressor e provocar rupturas de papéis e identidades de gênero, e também “papéis de sexo, tanto na Dominadora com *strap-on*, como no submisso travestido”¹⁵. A experimentação se dá pelo fato de as pessoas estarem “reinventando as representações culturais para delas, obterem um novo prazer”, mais próximos da criatividade do que da normatividade¹⁶.
- 32 Ao invés de transformarem o devir mulher em espetáculo, como as drags, o que esses homens desejam é serem submissos a Senhoras, serem humilhados e usados em situações rotineiras, uma alusão ao universo que vivem, só que ao contrário, exercendo papéis que usualmente não exercem. Apesar de manterem níveis de exibicionismo, nem sempre fazem para um público, mas para práticas em parceria ou exibição de forma que seu anonimato seja mantido; a situação só se complementa quando há a relação de dominação e submissão, ou seja, só quando a “fabricação do corpo” (VENCATO, 2005, p. 231) tem como finalidade práticas BDSM.

Considerações Finais

- 33 Rubin (s/d, p. 45) aponta os anos 1980 como um período de grande sofrimento sexual ao passo que também foi um período no qual se abriram novas possibilidades, e também houve grande movimento de liberação e repressão de grupos e minorias sexuais. Por isso mesmo, um período a partir do qual se fez necessário o encorajamento do processo de criatividade erótica, visto que o terreno da sexualidade é também político e de resistência, assim como o gênero. Foucault (2004) lembra que o início dos anos 1960 trouxe consigo um processo de liberação, que beneficiou as mentalidades mas ressalta a necessidade, assim como Rubin, de uma estabilização baseada no potencial criativo:

[...] criação de novas formas de vida, de relações, de amizades nas sociedades, a arte, a cultura de novas formas que se instaurassem por meio de nossas escolhas sexuais, éticas e políticas. Devemos não somente nos defender, mas também nos afirmar, e nos afirmar não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa (FOUCAULT, 2004, p. 262).

- 34 É preciso lutar contra um sistema de opressão sexual que trata o sexo e comportamentos eróticos não convencionais com suspeita, visto que “atos sexuais são sobrecarregados com um excesso de significância” e inscritos em um “sistema hierárquico de valores sexuais”, no qual “heterossexuais maritais e reprodutivos estão sozinhos no topo da pirâmide erótica” (RUBIN, s/d, p. 13-14),

Casais lésbicos e gays estáveis, de longa duração, estão no limite da respeitabilidade, mas sapatões de bar e homens gays promíscuos estão pairando um pouco acima do limite daqueles grupos que

estão na base da pirâmide. As castas sexuais mais desprezadas correntemente incluem transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, trabalhadores do sexo como as prostitutas e modelos pornográficos, e abaixo de todos, aqueles cujo erotismo transgride as fronteiras geracionais. Indivíduos cujo comportamento está no topo desta hierarquia são recompensados com saúde mental certificada, respeitabilidade, legalidade, mobilidade social e física, suporte institucional e benefícios materiais. Na medida em que os comportamentos sexuais ou ocupações se movem para baixo da escala, os indivíduos que as praticam são sujeitos a presunções de doença mental, má reputação, criminalidade, mobilidade social e física restrita, perda de suporte institucional e sanções econômicas. Um estigma extremo e punitivo mantém alguns comportamentos sexuais como baixo status e é uma sanção efetiva contra aqueles que as praticam. A intensidade deste estigma está enraizada nas tradições religiosas do ocidente. Mas muito do seu conteúdo contemporâneo deriva do opróbrio médico e psiquiátrico (*ibid*).

35 A feminização masculina, objeto central em meio ao universo que apresentamos, mobiliza negociações de feminilidades, reinventando os corpos ao transformá-los através da “performatividade” de gênero, e do “desejo de ser objeto do desejo” (ARENT, 2009, p. 166). “A questão é, pois, como ir despojando-nos, desconstruindo-nos, des/re/dobrando-nos, reconfigurando-nos?” (PAIVA, 2000, p. 34).

36 O material da pesquisa está diretamente relacionado às práticas sadomasoquistas, como: fantasia de submissão, servidão, dominação e humilhação eróticas, com claros elementos fetichistas. Tivemos acesso a relatos de praticantes que transitam entre os gêneros e que, *de* alguma forma, mantêm *vida dupla*, uma realidade “em segredo”, que, ainda correndo o risco de serem reconhecidos por pessoas que fazem parte de seus círculos pessoais, compartilham em ambientes online suas experiências, fotografias, vídeos, porque a exibição de suas experiências é um *continuum* – o exibicionismo acaba sendo um fetiche complementar. Alguns se “montam” apenas para práticas sexuais com parceiros que nem sempre são namorados e cônjuges, outros para masturbação e práticas solitárias, para exibicionismo online e/ou off-line.

As famílias têm papel crucial no reforço da conformidade sexual. Muito da pressão social é trazida para suportar a negação aos dissidentes eróticos dos confortos e recursos que a família possui. A ideologia popular sustenta que não se espera da família produzir ou acolher a não conformidade sexual. Muitas famílias respondem tentando reformar, punir ou exilar membros que sejam ofensores sexuais... Qualquer coleção aleatória de homossexuais, trabalhadores do sexo ou pervertidos diversos pode fornecer histórias de partir o coração sobre rejeição e mau tratamento por famílias horrorizadas (RUBIN, s/d, p. 27).

37 A família está presente na fala de Prissy como um dos motivos para que se mantenha o “segredo” sobre seu desejo e sua identidade de gênero:

A única pessoa com que transei na vida foi a minha ex esposa, tanto no papel masculino quanto feminino. Depois de um longo caminho fui me descobrindo. Há 5 anos que não transo de forma alguma. Nem me masturbo... Meu sonho realmente seria fazer a cirurgia de transgenitalização, mas tem muitos problemas associados. Primeiro tenho família e 2 filhos. Uma de 13 outro de 9, ambos crianças. Eu realmente quero e nunca descarto nada, mas primeiro tenho que dar um passo por vez, estou realmente me assumindo profissionalmente e só atenderei como a mulher que sou. (Prissy em entrevista via Facebook, em agosto de 2014)

38 Há um aprendizado e uma interiorização de estereótipos. “O corpo e seus vários eus... constroem uma erótica como percepção dilatada pelo desejo que percorre inédito, o obscuro, o marginal, costura carne e espírito” (VILLAÇA, 2007, p. 87). Na prática de feminização, há uma inversão que parodia os gêneros, separando o que é próprio do masculino e do feminino, reforçando convenções inteligíveis como socialmente atribuídas ao homem e à mulher, o que produziria a humilhação e o prazer na reiteração de estereótipos e da “diferença da experiência social de homens e mulheres” (RUBIN, 1993, p. 3). A prática coloca de ponta-cabeça convenções de gênero, como a domesticidade relacionada às mulheres (RUBIN, 1993, p. 2), mas também a que afirma que: “Masoquismo é ruim para os homens, essencial para as mulheres. Um narcisismo adequado é necessário aos homens, impossível para as mulheres. Passividade é trágica ao homem, enquanto quem a falta de passividade é trágica numa mulher” (RUBIN, , p. 21), de acordo com a psicanálise.

39 Há, ainda assim, a persistência de um modelo de heterossexualidade compulsória, que inverte o homem em mulher e a mulher em homem, e se o homem aceita ou é forçado a aceitar a penetração do ânus pela mulher, é na condição de “mulherzinha” ou puta, e não de “viadinho”, muito embora também sejam termos utilizados nessas relações com o intuito de humilhação. Inutilizando assim o pênis, o homem seria menos homem, despojado de sua masculinidade, pois ele é usado como mulher, condição humilhante e degradante por isso mesmo. Por sua vez, a mulher não se torna um homem, não se traveste de homem, mas personifica aquelas características convencionalmente masculinas: virilidade, agressividade e, mais importante, a atividade. Quem necessariamente deve mudar de gênero é o submisso. Há, portanto, repetidamente, a presença de normas e divisões de gênero e heterossexualidade obrigatória” (RUBIN, 1993, p. 13).

40 Estudar as práticas que constituem o corpo é pensar no que o atravessa e na vivência de corpo. Como vivenciamos o corpo em diferentes cenários? O corpo é fabricável (LE BRETON, 2012, 247), manipulável. “Cada corpo afeta e é afetado pelo outro, produzindo turbulências e transformações irreversíveis em cada um deles. A alteridade, essa condição e afetar e ser afetado, é a referência a partir da qual a subjetividade se faz e refaz permanentemente” (LIBERMAN, 1997, p. 374- 375). As narrativas, assim, evidenciam uma consciência do próprio corpo, que “aparece mais ou menos conscientemente a partir de um contexto social e cultural particularizado por sua história pessoal” (LE BRETON, 2012, p. 231). Partem também da perspectiva de que há um investimento no corpo, e que o corpo é suporte das experiências.

Corpos que possam sair da dureza do contato e da obstrução de seus afetos e produzir estados emocionais os mais variados que, expressos, levam a novos questionamentos, à fabricação de outros corpos. O corpo serviria, assim, como elemento mobilizador de um estado de pesquisa, quando tomado, ele mesmo, um campo de experimentação permanente (LIBERMAN, 1997, p. 375).

41 Os blogs com temática central nas práticas sado-fetichistas são lugares antropológicos que concentram material profícuo acerca de corporalidades, subjetividades e sexualidade, também como fórum de socialização de saberes e experiências, agindo como concentração de conhecimento social em/na rede. Possibilitam processos de reinvenção de si como um elemento fundamental que auxilia a configuração das “identidades”, “reais” ou (re)inventadas. Essa afirmação se faz sentir na importância que as informações compartilhadas nos blogs têm para os próprios adeptos do BDSM, como para a possibilidade de estudos científicos como este.

Nossas lutas sobre significado são também nossas lutas sobre diferentes modos de ser: diferentes identidades. Questões de identidade estão intimamente ligadas a questões de experiência, subjetividade e relações sociais. Identidades são inscritas através de experiências culturalmente construídas em relações sociais. A subjetividade – o lugar do processo de dar sentido a nossas relações com o mundo – é a modalidade em que a natureza precária e contraditória do sujeito-em-processo ganha significado ou é experimentada como identidade. As identidades são marcadas pela multiplicidade de posições de sujeito que constituem o sujeito. Portanto, a identidade não é fixa nem singular; ela é uma multiplicidade relacional em constante mudança (BRAH, 2006, p. 371).

42 As experiências que surgem a partir desse estudo podem apontar para recusas de um “disciplinamento machista”, mas também podem ser outra forma de reiterar, inconscientemente, as desigualdades entre gêneros, ou ainda, apenas uma forma de jogar com hierarquias, como uma erotização das hierarquias (FACCHINI e MACHADO, 2013), remetem “a processos de [res]significação dos fatos, nos quais o próprio sujeito pode adquirir novos significados” (FACCHINI, 2009, P. 315). A experiência é um lugar de formação do sujeito e também “lugar de contestação: um espaço discursivo onde posições de sujeito e subjetividades diferentes e diferenciais são inscritas, reiteradas ou repudiadas” (BRAH, 2006, p. 360- 361).

43 Contudo, são indicadores de estereótipos que são reforçados, reconfigurados constantemente em várias esferas da vida cotidiana, nas quais a transgressão da normatividade é também transgressão das regras da “normalidade”. Aqui, há ressignificação e afrouxamento, inversão de papéis, rompimento de convenções cultural e socialmente aceitas e vice-versa. Como

exemplo, podemos tomar a prática da inversão de papéis, sob a qual podemos pensar seguindo a linha de pensamento proposta por Preciado (2002, p. 27):

El ano presenta três características fundamentales que lo convierten em el centro transitorio de un trabajo de deconstrucción contra-sexual. Uno: el ano es um centro erógeno universal situado más allá de los límites anatómicos impuestos por la diferencia sexual, donde los roles y los registros aparecen como universalmente reversibles (¿quién no tiene ano?). Dos: el ano es uma zona de passividade primordial, um centro de producción de excitación y de placer que no figura em la lista de puntos prescritos como orgásmicos. Tres: el ano constituye um espacio de trabajo tecnológico; es uma fábrica de reelaboración del cuerpo contra-sexual posthumano.

- 44 Por que ser feminizado é degradante? Porque faz parte do imaginário de construção cultural da masculinidade virilidade, atividade, enquanto do lado do feminino, submissão, masoquismo – as mulheres, em decorrência do parto, da defloração, aguentam mais dor do que os homens, portanto, são acostumadas ao sofrimento e à humilhação (RUBIN, 1993, p. 19). Esses são os lugares convencionalmente aceitáveis para ambos os gêneros.
- 45 Finalizamos com a ideia de que, ao passo que o “sexo” é uma “tecnologia de dominação heteronormativa que reduz o corpo às zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros, associando certos afetos com determinados órgãos e certas sensações com determinadas reações anatómicas” (PRECIADO, 2002, p. 22, tradução minha), as práticas de feminização no contexto BDSM subvertem essa tecnologia: “Las prácticas S&M, así como la creación de pactos contractuales que regulan los roles de sumisión y dominación han hecho manifiestas las estructuras eróticas de poder sub-yacentes al contrato que la heterosexualidad ha impuesto como natural” (PRECIADO, 2002, p. 28). Assim como “o *negócio do desejo e da fantasia*”, para Arent (2009, p. 168), é “movido pela dança”, aqui desejo e fantasias são guiados e movidos pela inversão de convenções de gênero e a erotização de hierarquias.

Bibliografia

- ARENT, M. Performances de gênero em um “clube de mulheres”. In: *Prazeres Dissidentes*. María Elvira Díaz-Benítez, Carlos Eduardo Fígari (orgs) - Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade e diferenciação. In: *Cadernos Pagu* (26), janeiro-junho de 2006: pp. 329-376.
- BRITTES, Rogério. *Bondage, Dominação e Sadomasoquismo*: Esboço de uma teoria etnográfica da rede BDSM. 2006. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2006.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 5ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- FACCHINI, R. Entrecruzando diferenças: mulheres e (homo)sexualidades na cidade de São Paulo. In: *Prazeres Dissidentes*. María Elvira Díaz-Benítez, Carlos Eduardo Fígari (orgs) - Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- FACCHINI, R., MACHADO, S. “Praticamos SM, repudiamos agressão”: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro. In: *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latino – Americana*. Dossiê n.2, n.14 – ago. 2013 – pp. 195 – 228.
- FIGARI, Carlos, DÍAZ-BENÍTEZ, M. E., Sexualidades que importam: entre a perversão e a dissidência. In: *Prazeres Dissidentes*/ María Elvira Díaz-Benítez, Carlos Eduardo Fígari (orgs.) – Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- FREITAS, Fátima Regina Almeida de. *Bondage, dominação/submissão e sadomasoquismo: uma etnografia sobre práticas eróticas que envolvem prazer e poder em contextos consensuais*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder, e a política da identidade*; tradução Wanderson Flor do Nascimento. In: *Verve*, 5. p. 260-277, 2004.
- GREGORI, Maria Filomena. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. In: *Cadernos Pagu*, São Paulo, v. 1, p. 81-91, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 29 dez. 2010.

_____. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. In: *Rev. Antropol.* v.51 n.2. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/>>. Acesso em: 29 dez. 2010.

HART, Lynda. *La performance sadomasochiste: entre corps et chair*. EPEL: Paris, 2003.

LAQUEUR, Thomas Walter. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*; tradução Vera Whately. – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*; tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. – 2.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LEITE JR., Jorge. *A cultura S&M*. 2000. 52p. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – PUC, São Paulo.

LIBERMAN, Flávia. O corpo como produção de subjetividade. In: *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, 5 (2): 371 – 383, dezembro 1997.

MCCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*/tradução; Plínio Dentzien. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

_____. *Maid to Order: commercial fetishism and gender power*. s/d. Disponível em: <http://www.english.wisc.edu/>. Acesso em: 30/11/2014.

PAIVA, Antonio Crístian Saraiva. *Sujeito e laço social: a produção da subjetividade na arqueogenealogia de Michel Foucault*. – Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000. – (Coleção Outros diálogos; 4).

PARREIRAS, Carolina. *Sexualidades no pontocom: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Campinas, SP, 2008.

PRECIADO, Beatriz. *Manifiesto contra-sexual: prácticas subversivas de identidad sexual*. Madrid: Opera Prima, 2002.

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*; tradução Christine Rufino Dabat, Edileusa Oliveira da Rocha e Sonia Corrêa. Edição SOS Corpo: Recife, 1993.

_____. Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade, s/d. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br>. Acesso em: 29 de maio de 2013.

SANDER, Jardel. Corporeidades Contemporâneas. In: *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21 – n. 2, p. 387- 408, Maio/Ago 2009.

SILVA, M.J. *Linguagens, experiências e convenções de gênero e sexualidade no BDSM*. 2012. 107p. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - UFC, Fortaleza.

VENCATO, Anna Paula. Fora do armário, dentro do closet: o camarim como espaço de transformação. In: *Cadernos Pagu* (24), janeiro-junho de 2005, pp. 227-247.

VIGARELLO, Georges. *História da Beleza*; tradução Léo Schlafman. – Rio De Janeiro: Ediouro, 2006.

VILLAÇA, Nízia. *A edição do corpo: tecnociência, artes e moda*. --- Barueri, SP: Estação das Letras Editora, 2007.

ZILLI, Bruno D. *A perversão domesticada: estudo do discurso de legitimação do BDSM na internet e seu diálogo com a psiquiatria*. 2007. 95p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. As representações de consentimento e discurso de legitimação do BDSM: atividade sexual, risco e o uso de ideais românticos. In: *32º Encontro Anual da Anpocs*, Caxambu (MG), 27 a 31 de outubro de 2008. Disponível em: http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=2686&Itemid=230. Acesso em 14 de junho de 2013.

_____. BDSM de A a Z: a despatologização através do consenso nos “manuais” na Internet. In: *Prazeres Dissidentes*. María Elvira Díaz-Benítez, Carlos Eduardo Fígari (orgs) - Rio de Janeiro: Garamond, 2009a.

_____. BDSM e consentimento na Internet. In: *VIII Reunión de Antropología del Mercosur* (RAM), Buenos Aires, Argentina, 2009b. Acesso em: 9/03/2012.

www.avidasecreta.com.br/

<http://submissoreal.blogspot.com.br/>

<http://feminizacaonobdsm.blogspot.com.br>

<http://priscilasissy.blogspot.com.br/>

<http://ladyvulgata.blogspot.com.br/>

<http://fsexuando.blogspot.com.br/>

<http://kirtychandra.blogspot.com.br/>

<http://www.ifetich.com.br/>

<http://bdsmcave.blogspot.com.br/>

Notas

1 Disponível em: <www.senhorverdugo.com/origem-do-ssc.html>. Último acesso em: 03/06/2013.

2 Ver *Dominação Feminina no BDSM*, disponível no link: <http://bdsmcave.blogspot.com.br/p/femdom.html?zx=1adaa6c22d922c18>. Acesso dia 13 de agosto de 2014.

3 Ver Apresentação, disponível no link: Link: http://submissoreal.blogspot.com.br/2009/10/apresentacao_28.html. acesso em: 12 de agosto de 2014.

4 Le Breton (2012, p. 249) fala o contrário, “passagem do corpo objeto ao corpo sujeito”. Não deixa de ser relevante para a discussão, mas acredito que no caso das performances estudadas, acontece o contrário.

5 Ver Feminização forçada, Travestismo e Disforia de Gênero, disponível em: <http://www.ifetich.com.br/v1/index.php/artigos/79-fetiches/76-feminizacaoforcada>. Acesso em 8 de maio de 2013.

6 Ver Feminização forçada, Travestismo e Disforia de Gênero, disponível em: <http://www.ifetich.com.br/v1/index.php/artigos/79-fetiches/76-feminizacaoforcada>. Acesso em 8 de maio de 2013.

7 Ver Feminização forçada, Travestismo e Disforia de Gênero, disponível em: <http://www.ifetich.com.br/v1/index.php/artigos/79-fetiches/76-feminizacaoforcada>. Acesso em 8 de maio de 2013.

8 Ver *Sissy e Feminização* forçada, disponível no link: <http://submissoreal.blogspot.com.br/2010/11/sissy-e-feminizacao-forcada.html>. acesso em 12 de agosto de 2014.

9 Ver *Sissy e Feminização* forçada, disponível no link: <http://submissoreal.blogspot.com.br/2010/11/sissy-e-feminizacao-forcada.html>. acesso em 12 de agosto de 2014.

10 Ver *Treinamento de um escravo sissy*, disponível no link: <http://submissoreal.blogspot.com.br/2013/07/treinamento-de-um-escravo-sissy.html>. acesso em: 12 de agosto de 2014.

11 Ver Inversão de papéis- como fazer, disponível no link: <http://www.avidasecreta.com.br/inversao-de-papeis-%E2%80%93-tudo-o-que-eu-queria-saber-e-so-aprendi-na-marra/>. Acesso em 4 de maio de 2014.

12 Ver *A inversão de papéis*, disponível no link: <http://fsexuando.blogspot.com.br/2011/02/inversao-de-papeis.html>. acesso em: 8 de maio de 2013.

13 Ver Feminização forçada, Travestismo e Disforia de Gênero, disponível em: <http://www.ifetich.com.br/v1/index.php/artigos/79-fetiches/76-feminizacaoforcada>. Acesso em 8 de maio de 2013.

14 “[montar é] um verbo constantemente usado no vocabulário dos drag queens, que significa o ato de montar a personagem, criando todos os aspectos que irão compô-la, desde seu codinome, sua indumentária, maquiagem, comportamento, modo de falar, etc. Ao se montar, o drag transforma-se em sua personagem” (JATENE, Izabela da Silva. Tribos urbanas em Belém: Drag queens – rainhas ou dragões? Belém, 1996, mimeo, p. 9, *apud* VENCATO, 2005, p. 232).

15 Ver Feminização forçada, Travestismo e Disforia de Gênero, disponível em: <http://www.ifetich.com.br/v1/index.php/artigos/79-fetiches/76-feminizacaoforcada>. Acesso em 8 de maio de 2013.

16 Ver Feminização forçada, Travestismo e Disforia de Gênero, disponível em: <http://www.ifetich.com.br/v1/index.php/artigos/79-fetiches/76-feminizacaoforcada>. Acesso em 8 de maio de 2013.

Para citar este artigo

Referência eletrônica

Marcelle Jacinto da Silva e Antonio Crístian Saraiva Paiva, « Pensando corpo, gênero e sexualidade em contexto sado-fetichista », *Ponto Urbe* [Online], 15 | 2014, posto online no dia 30 Dezembro 2014, consultado o 27 Agosto 2016. URL : <http://pontourbe.revues.org/2395> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2395

Autores

Marcelle Jacinto da Silva

Mestranda no PPGS/UFC-Universidade Federal do Ceará, Pesquisadora do Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade (NUSS/UFC). E-mail: marcelle.silva.cs@gmail.com

Antonio Cristian Saraiva Paiva

Professor Doutor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, PPGS/UFC, Coordenador do Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade (NUSS/UFC). E-mail: cristianspaiva@gmail.com

Direitos de autor

© NAU

Resumos

Este artigo tem como fio condutor parte do meu material etnográfico proveniente de dissertação em andamento, a qual tem como foco narrativas sobre repertórios de experiências com/em práticas sócio-sexuais de sado-fetichismo, mais especificamente práticas de *feminização no BDSM*, cujos protagonistas relatam em blogs pessoais e entrevistas suas experiências e performances eróticas, reinventando seus próprios corpos e performatizando estereótipos de gênero. Propomos discutir como os atores se engajam no processo de *feminização*, como pensam e elaboram suas experiências de vestir-se de outro gênero, como vivenciam performances de gênero inseridas no contexto das práticas do sadomasoquismo *erótico* ou BDSM, e como corpo, sexualidade e gênero podem ser problematizados a partir da observação dessas narrativas.

Thinking body, gender and sexuality in sado - fetishist context

This article has the thread of my ethnographic material from dissertation in progress, which focuses on narrative repertoire of experience with / in social and sexual practices of sado-fetishism, specifically male feminization, whose protagonists report on personal blogs and interviews their experiences and erotic performances, reinventing their own bodies and performing gender stereotypes. We propose to discuss how actors engage in feminization process, how they think and prepare their experiences to dress up another gender, such as experience included gender performances in the context of BDSM or erotic sadomasochism, and as the body, sexuality and gender can be problematized from the observation of these narratives.

Entradas no índice

Keywords : body, gender, sadomasochism

Palavras chaves : corpo, gênero, sadomasoquismo